

ASPECTOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIEL, Andréa Katiucy Almeida

katiucy25@gmail.com

ARAUJO, Maria José de Azevedo (Orientadora)

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Tiradentes.

azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

O presente artigo procura sintetizar as principais características fonéticas sofridas na passagem do vocabulário latino para o português. Primeiro procuramos demonstrar que essa evolução não se deu por pura escolha individual, mas por uma necessidade de adaptação fisiológica e por uma relação territorial, cultural, histórica ligada ao período da expansão romana. Antes de falarmos das alterações fonéticas propriamente ditas, destacamos alguns conceitos para fixarmos diferenças entre as propriedades ligadas ao assunto, prosseguimos com a relação entre fonemas e sua relação com elementos físicos do aparelho respiratório e digestivo. Por fim, demonstramos as principais evoluções sofridas no vocabulário latino para o português separando primeiramente as relacionadas com as vogais e finalizando com as consoantes. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa do tipo bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVES: Vocabulário, evolução fonética, alfabeto.

ABSTRACT

The work looks for simplify the principal phonetic characteristics suffered on the vocabulary passage of the Latin to the Portuguese. First of all we look for showing that this evolution wasn't made by individual pure choice, but by a necessity of physiologic adaptation and by a historic, cultural, territorial relation linked to the period of Roman expansion. Before we talk about the phonetic alterations, we detach some concepts to fix differences between the proprieties linked to the object, we follow with the relation between phonemes and your relation with physical elements of the respiratory and digestive apparatus. In the end, we showed the principal evolutions suffered on the Latin

vocabulary to the Portuguese separate on first the related with the vowel and finishing with the consonants.

KEY-WORDS: Vocabulary, phonetic evolution, consonants, vowel, alterations.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho foi possível demonstrar a imensa necessidade de compreendermos a evolução fonética da língua portuguesa, pois para que possamos acompanhar seu desenvolvimento e observar suas variações é preciso conhecê-la, isso será muito útil a nós profissionais de língua portuguesa que temos que ter um bom embasamento teórico e precisamos aprofundar nossos estudos em língua e linguagem para que possamos passar para nossa clientela, os alunos, como é importante aprender a desvendar os mistérios do português.

Saber uma língua não é apenas decorar suas regras e conexões, saber português é buscar a fundo respostas como: De onde veio como se formou e como pode ainda se transformar. Já que ao longo do tempo nossa língua sofreu e continua sofrendo alterações constantes como as transformações históricas como guerras e cotidianos diferentes através de diversas gerações com culturas diversificadas até chegar ao formato que hoje conhecemos.

Para que fosse possível obter o resultado deste trabalho utilizei-me de diversos textos, livros e pesquisas e o seu objetivo é justamente o seguinte que nós enquanto alunos possamos observar o desenvolvimento da língua e perceber que ela está e sempre esteve em constante evolução, ela não é inata as transformações pelas quais passam as sociedades ao contrário ,a língua acompanha esse desenvolvimento, e nós enquanto profissionais não podemos ficar estagnados no tempo precisamos evoluir e pesquisar cada vez mais pois a língua não para de sofrer transformações.

[

Estudar a língua portuguesa tem que ser um ato desprendido, sem que haja pressa de se chegar a um resultado positivo, nossa língua é linda, por vezes complexa, é preciso amá-la para estudá-la. E é necessário entender suas transformações anteriores para que possamos entender sua evolução daqui por diante.

Na história da língua portuguesa, é importante regressarmos as nossas origens lingüísticas, as principais bases para nossa língua estão no latim vulgar e no grego. O latim principalmente é a principal raiz lingüística de nossa língua. Mas o importante aqui é analisar historicamente a caminhada dessa origem clássica até os dias atuais. A língua portuguesa, que tem como origem a modalidade falada do latim, desenvolveu-se na costa oeste da península Ibérica local atual da cidade de Portugal e região espanhola de Galícia, incluída na província de Lusitânia.

É possível observar no estudo dos sons e fonemas que o som é a energia mecânica que se propaga no ar ou em outros meios materiais, cuja fonte é um corpo em vibração, o qual é percebido através de sensação causada no órgão da audição. Já o fonema é a unidade fonológica de função diferenciadora, mínima, ou seja, não se pode fazer mais nenhuma dissociação em unidades fonológicas menores e, ela também é abstrata por se tratar de uma criação do homem para representar, simbolicamente, o maior número possível de sensações criadas pelas vibrações constantes do nosso meio. Assimilando esses conceitos, buscamos em Samuel Gili Gaya uma ressalva sobre a diferença entre som e fonema.

Uma coisa e, pois, diz Samuel Gili Gaya, o som que em cada caso pronunciamos, e outra o fonema, espécie ou tipo ideal a que aspiramos. A entidade dos fonemas é abstrata; os sons são as suas realizações concretas na fala. Todo idioma tem um sistema limitado de fonemas, com valor de sinais lingüísticos conscientes, aos quais se referem os ilimitados sons que na realidade se pronunciam¹.

¹ Samuel Gili Gaya

1. ANÁLISE DE FONEMAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 Os fonemas

Uma das idéias contidas no discurso de Gili Gaya é a que todo idioma tem um sistema limitado de fonemas; isso se deve principalmente pelo fato de não possuir um aparelho especial para a fala, nos utilizamos de outros órgãos como os pulmões, esôfago, língua, dentes e outros mais que acessoriamente se adaptaram após milhares de anos. Com relação a isso Evanildo Bechara escreveu o seguinte.

Nós não temos aparelho especial para a fala: produzimos os fonemas servindo-os de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do home².

Pesquisas arqueológicas encontraram um fóssil Neandertal de 60 mil anos encontrado em Israel que possui um osso hióideo, é o hióideo que ancora os músculos das cordas vocais, esse osso é a primeira prova tangível de fala entre os humanos pré-históricos. O homem vem evoluindo a milhares de anos e com ele o léxico com seus fonemas. A evolução fisiológica interfere no processo de produção da fala humana e serve de explicação para algumas dificuldades que, às vezes, encontramos quando buscamos falar outro idioma que não o materno. Cada etapa do processo da fala tem como função trabalhar a corrente de ar proveniente dos pulmões. Barrando ou liberando o ar, produzindo sons sonoros outros surdos a depender dos pontos de articulação ou o mesmo modo de articulação e, isso resultará na semelhança de fonemas que ao ouvido humano pode gerar problemas de interpretação. Veja na figura abaixo, a tabela explicativa dos fonemas.

² Evanildo Bechara

Função das cordas vocais		Ponto de articulação												
		Bilabiais		Lábio Dentais		Dentais		Alveolares		Palatais		Velares		
		Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Suras	Sonoras	Surdas	Sonoras	
Modo de Articulação	Oclusivas	P	B			T	D					K	G	
	Constritivas	Fricativas			F	V			S	Z	X	J		
		Vibrantes								R				
											RR			
		Laterais								L		LH		
Nasais		M						N		NH				

Na passagem do latim para o português, podemos perceber facilmente mudanças fonéticas e até mesmo quedas provocadas pela dificuldade de aceitação do falante em pronunciar determinado fonema.

É um fato de fácil verificação que os fonemas sofrem modificações e quedas, na passagem do latim para o português. Quando assim exprimimos, é claro que não usamos a linguagem técnica, porque não é o som que se modifica, mas os órgãos do aparelho fonador que se dispõem de outro modo para o emitirem.³

Sobre a história do latim para o português, temos muito a contar, mas, nos vale destacar que o latim era a língua oficial durante o período de expansão do império romano. Principalmente na modalidade do latim popular, o qual era falado pelos soldados do exército

3

romano, que, na sua maioria, era constituído por pessoas de outras nacionalidades e que foram responsáveis pela presença do superstrato latino em varias partes do mundo até então conhecido. Na própria modalidade do latim popular, encontramos várias mudanças fonéticas, justamente pela presença de estrangeiro no exercito que, ao fazer parte do mesmo, assimilavam a língua de forma verbal, interpretando como podiam os fonemas do idioma do dominador.

Analisando o latim popular podemos destacar algumas propriedades, entre elas as leis fonéticas que são compostas por:

1.2 – Leis fonéticas

1ª Lei do menor esforço ou economia fisiológica que se caracteriza pela simplificação dos processos, empregados pelo homem, na realização de sua obra.

2ª Lei da permanência da consoante inicial;

3ª Lei da persistência da silaba Tônica.

1.3 Metaplasmos

Podemos observar os metaplasmos que são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. No próprio idioma se deparam essas modificações, quando comparamos vozes de épocas distanciadas. Existem os metaplasmos por subtração, por permuta, por aumento e o metaplasmo por transição.

2 A EVOLUÇÃO DAS VOGAIS DO LATIM AO PORTUGUÊS

[

Ao longo do tempo foi possível observar a evolução das vogais do latim ao português, segundo Tarallo, “de dez vogais tônicas do latim clássico, somente sete, tendo neutralizado o poder fonêmico distintivo das vogais e breves”⁴.

Ocorreu que as vogais em posição tônica foram reduzidas a sete: /a, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/. Em posição átona foram reduzidas a cinco: /a, /e/, /i/, /o/, /u/. Nesta posição se neutraliza a oposição /é/, /ê/, e /ó/, /ô/. E em posição átona final foram reduzidas a três: /a/, /i/, /u/. Nesta posição se neutraliza a oposição /e/, /i/, representadas pelo arquifonema /i/ e /o/, /u//, representadas pelo arquifonema /u/.

2.1 Vogais tônicas

O que se pode observar com relação às vogais tônicas segundo uma visão neogramática, que busca a regularidade das correspondências entre as formas abaixo apresentadas. Por este exemplo, percebemos a preservação das alternâncias qualitativas (e não quantitativas) presentes no latim falado. As vogais tônicas passam ao português sofrendo apenas as modificações comuns. O acento obrigando a maior pausa de voz faz com que elas resistam e se mantenham.

/a/ = /a/: pratum > prado (com *a* longo no latim clássico)

mare>mar (com *a* breve no latim clássico)

/e/ aberto = /e/aberto: terra> terra

/e/ fechado = /e/ fechado: acetu > azedo

/i/ ==/i/ : ficu > figo

⁴ 1994, p. 95.

/o/ aberto = /o/ aberto: rota > roda

/o/ fechado = /o/ fechado: amoré > amor

/u/ = /u/ : virtude > virtude

2.2 Vogais não tônicas

O que se pode perceber com relação às vogais não-tônicas é que podem ser:

1) Pretônicas

a) Iniciais – Quando há queda por encontrarem-se desapoaiadas:

Ex: epigru > prego acumem > gume

b) Em sílabas não iniciais há modificações quando se acham juntos à tônica, e em geral também sofrem quedas:

Ex: bonitate > bondade solidatu > soldado

Consutura > costura veritate > verdade

2.3 Vogais postônicas

a) Finais:

As vogais postônicas /i/ e /u/ modificam-se respectivamente em /e/ e /o/:

Ex: dixi > disse metu > medo

Capui > coube hortu > horto

O /e/ depois de /r,l,s,z,n/ cai:

Amare > amar vorace > voraz

Fidele > fiel

bene > bem

b) Internas:

As postônicas internas em palavras proparoxítonas, frequentemente caem, com exceção de /a/:

Ex: manica > manga

dominu > dono

Verifica-se geralmente a queda, no latim vulgar, quando a vogal postônica se acha:

1) Depois de uma consoante oclusiva e antes de uma lateral ou vibrante:

Oclus (Oculus), masclus (mascukus).

2) Entre uma labial e outra consoante: domnus (dominus), lamna (lamina);

3) Entre uma vibrante ou lateral e outra consoante: arduus (aridus);

4) Depois de s e antes da outra consoante: postus (positus).

2.4 Semivogais

Com relação às semivogais podemos observar que as vogais fechadas /i/, /u/ combinam-se com as outras /a/, /e/, /o/ formando ditongos e tritongos.

E que o /i/ que correspondia ao /j/ (i > j), e só a partir do renascimento é que o /j/ passa a substituir a semivogal /i/ nos textos, pois até então a letra /j/ era desconhecida do latim.

Ex: iocu > jogo

iuvene > jovem

E que o /u/ correspondia ao /v/ (u > v).

[

Ex: uos > vós auena > aveia

2.5 Ditongação

Com relação à ditongação, em latim, havia somente quatro ditongos: ae, Oe, au e eu. Já vem do latim vulgar a tendência para os ditongos se reduzirem a simples vogais, por exemplo: celebs (caelebs), sepis (saepis).

Ex: ae (pretônico) > i ou ê ----- aetate > idade

Ae (tônico) > é-----saepe > sebe

-ae > ei. O ditongo neste caso surge na fase final do latim vulgar, que dá ei em português:

Ex: amai > amei

-oe > ê:

Ex: foeno > fono

- au > ou:

Ex: tauru > touro

- eu > o na linguagem popular:

Ex: Eusebio > Osébio

Eugêniu > Ogênio

São essas as causas que contribuíram para um maior número de ditongação no português:

a) Síncopa – queda de fonema medial, ou seja, há diminuição no meio da palavra:

Ex: Malu > mau

[

Lege > lei

b) Vocalização – transformação de consoante em vogal, em certos grupos consonantais:

- Vocaliza-se em *i* ou *u* a primeira consoante dos grupos:

Ct: factu > feito

Lp: palpare > poupar

Lt: alteru > outro

Bs: absentia > ausência

Pt: cap(i)tale > caudal

Gn: regnu > reino

Lc: falce > fouce

c) Metátese – transposição de fonema:

Primariu>primairo>primeiro

Librariu>livrairo>livreiro

Nestes exemplos, em que a transposição do *i* é antiga, o ditongo *ai* ficou regularmente em *ei*. Já em casos de época mais recente o *ai* não se modificou na passagem para o português: sapiam>sabia>saiba, aipu>apoio.

d) Epêntese – aumento no meio da palavra:

Creo (<credo) > creio

tea (<tela) > teia

O atual ditongo-ão era representado no português arcaico por –am, -ã, -om, -õ que em latim terminavam em –anu, -ane, -one, -undine, -ant, -unt. Veja os exemplos: veranu>verão

Oratione>oração

Dant>dão

Cane>cão

Levando em consideração as terminações aos e ões observamos o processo pelo qual é feito o plural na língua portuguesa:

Ex: pagão (paganu: anu) > pagãos

Cão (cane: ane) > cães

2.6 Hiatos

Podemos perceber que no português o hiato se deu através da reunião de vogais. Ex: dolore > door (hoje dor) candela > candeia (hoje candeia)

Colore > coor (hoje cor)

colubra > coobra (hoje cobra)

No entanto, língua portuguesa apresenta forte tendência para evitá-los, podem ser desfeitos das seguintes maneiras (herança do latim vulgar):

- a) Pela crase de vogais originalmente iguais: ter, ler, ser, antes teer, leer, seer; ou que se tornaram tais por assimilação: esquecer, mestre, outrora escaecer, paomba maestre;
- b) Pela absorção de uma vogal por consoante da mesma natureza: anjo, riço, antes angeo, regeo;
- c) Pela ditongação proveniente de um –i- epentético antes da átona final: ceia, feia, teia, antigamente cea, fea, tea.
- d) Pelo desenvolvimento do som palatal de transição –nh-: minha, vinho.

Sobre a queda do –n- intervocálico, o processo se deu da seguinte maneira: “ na palavra corona houve primeiro nasalização da vogal que precede o n, donde corona:

[

em seguida, o n caiu e tiveram coroa, forma do galego-português (hoje coroa). Assim, todos os n intervocálicos desapareceram depois de terem nasalizado a vogal precedente...” Ex: manu > mão

3. AS CONSOANTES DO LATIM AO PORTUGUÊS

3.1 Consoantes Iniciais

Como regra geral tenderam à conservação.

Oclusivas:	/p/ - /b/	/t/ - /d/	/k/ - /g/
Construtivas:	/f/ - (/v/)	/s/ - /z/	(/š/) – (/ž/)
Nasais:	/m/	/n/	/n/
Líquidas:		/l/	(/l/)
		/r/	
		/r/	
		(/r/)	

Câmara Junior apud Fernando Tarallo (Tempos lingüísticos – 1994) aponta três mudanças que teriam acontecido com as consoantes iniciais:

“1) /k/ - /g/, diante de /e,i/, quando eram pós-palatais, e não velares, sofreram um poucesso de assimilação à vogal anterior que se lhes seguia, e se tornaram anteriores perdendo a oclusão (...): *gestum* /*gestum*/ > *gesto* / *žestum*/, *cera* /*kera*>*cera* /*será*;

2) /i/ Consonântico evoluiu no romance em geral para uma consoante plena, de caráter palatal, que em português se fixou como /ž/, em confluência com oreflexo de /g(ei)/: *iustum*>*justo*;

3) /u/ Consonântico sofreu um processo análogo de consonotização, ainda em latim depois do período áureo, e introduziu no sistema de consoantes latinas a lábio-dental sonora /v/ em simetria com /f/: uacca > vaca.

Com isso, a função consonântica de /i/ - /u/ foi eliminada. As oclusivas /k/-/g/, diante de /e,i/ não desapareceram, porem, porque vieram para o seu lugar /k/-/g/ seguidos de /u/ assilábico (...) quem /kuem/ > quem/ke(n)”

Coutinho apud Fernando Tarallo (Tempos lingüísticos – 1994) apresenta alguns exemplos em que a consoante inicial latina sofreu alteração na passagem para o português, exemplos esses que não se encaixam dentro das três únicas mudanças apontadas por Câmara Junior. Vejamos:

/l/ > /n/: libellu > livel (arcaico) > nível

/n/ > /m/: nasturtiu > ma struço

/c/ > /g/: cattu > gato

/c/ > /š /: capellu > chapéu

/m/ > /l/: memorare > nembrar (arcaico) > lembrar

/p/ > /b/: portulaca > beldoegra

3.2 Consoantes Mediais

Coutinho (1976,p. 112) coloca o seguinte principio:

“ As consoantes mediais surdas latinas, quando intervocálicas, sonorizam-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem.”

Exemplos:

/p/ > /b/: lupu > lobo

/b/ > /v/ ou cai: cibi > cevo; ibam > ia

/t/ > /d/: mutu > mudo

[

3.3 Constrictivas

/f/ > /v/: aurifice > ourives

/s/ > /z/: rosa > rosa

3.4 As consoantes Finais

Segundo Coutino (1976, p. 116) com exceção de f,g,h,p e q, todas as demais consoantes podiam figurar como finais de palavras latinas, e sem dúvida alguma, e elas foram as que mais sofreram com o processo de evolução consonantal do latim para o português. Permanecendo, algumas poucas conservadas do próprio latim, como segue alguns exemplos adiante:

- a) As nasais, mas só com ressonância nasal, e isto nas palavras monossilábicas: cum > com, in > em, quem > quem, rem > rem (arcaico), sum > som (arcaico).
 - b) O -s , que figura:
 - Como plural dos nomes: arbores > árvores.
 - Nos advérbios; magis > mais.
 - Nas desinências verbais: amas > amas.
 - Em alguns nomes próprios de introdução eclesiática: Dominicus > Domingos.
 - c) O -r, que se desloca por metátese para junto da consoante anterior: semper > sempre.
- Pela queda da vogal final -e , e das consoantes -l,-r,-e,s- mediais tornam-se finais, em português: fidele > fiel

4 ORIGENS HISTÓRICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Na história da língua portuguesa, é importante regressarmos as nossas origens lingüísticas, as principais bases para nossa língua estão no latim vulgar e no grego. O latim principalmente é a principal raiz lingüística de nossa língua. Mas o importante aqui é analisar historicamente a caminhada dessa origem clássica até os dias atuais. A língua portuguesa, que

[

tem como origem a modalidade falada do latim, desenvolveu-se na costa oeste da península Ibérica local atual da cidade de Portugal e região espanhola de Galícia, incluída na província de Lusitânia. A partir de 218 a. C., com a invasão romana da península, e até o século IX, a língua falada na região era o *romance* uma variante do latim que constitui um estágio intermediário entre o latim vulgar e as línguas modernas (português, castelhano, francês, etc.).

Durante o período de 409 d. C. a 711 d. C., povos de origem germânica se instalaram na península Ibérica. O efeito dessas migrações na língua falada pela população não é uniforme, iniciando um processo de diferenciação regional. O rompimento definitivo da uniformidade lingüística da península irá ocorrer mais tarde, levando à formação de línguas bem diferenciadas. Algumas influências dessa época persistem no vocabulário do português moderno em termos como roubar, guerrear, etc.

A partir de 711, com a invasão moura da península Ibérica, o árabe é adotado como língua oficial nas regiões conquistadas, mas a população continua a falar o romance. Algumas contribuições dessa época ao vocabulário português atual são o arroz, alface, alicate e refém.

No período que vai do século IX (surgimento dos primeiros documentos latino-portugueses) ao XI, considerado uma época de transição, alguns termos portugueses aparecem nos textos em latim, mas o português ou mais precisamente o seu antecessor, o galego-português, é essencialmente apenas falado na Lusitânia.

No século XI, com o início da reconquista cristã da Península Ibérica, o galego-português consolida-se como língua falada e escrita da Lusitânia. Os árabes são expulsos para o sul, onde surgem os dialetos moçárabes, a partir do contato do árabe com o latim. Em galego-português são escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região, como os cancioneros (coletâneas de poemas medievais) da ajuda, da vaticana e Colocci-Brancutti, que fazem parte do acervo da biblioteca nacional de Lisboa.

[

À medida que os cristãos avançam para o sul, os dialetos do norte interagem com os dialetos do moçárabes dos sul, começando o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português. A separação entre o galego e o português se iniciará com a independência de Portugal (1185) e se consolidara com a expulsão dos mouros em 1249 e com a derrota em 1385 dos castelhanos que tentaram anexar o país. No século XIV surge a prosa literária em português, com a crônica geral de Espanha (1344) e o livro de linhagens, de Dom Pedro, conde de Barcelona.

Muitos lingüistas e intelectuais defendem a unidade lingüística do galego-português até a atualidade. Segundo esse ponto de vista, o galego e o português moderno seriam parte de um mesmo sistema lingüístico, com diferentes normas escritas situação similar à existente entre o Brasil e Portugal, ou entre os Estados Unidos e a Inglaterra, onde algumas palavras têm ortografias distintas. A posição oficial na Galiza, entretanto, é considerar o português e o galego como línguas autônomas, embora compartilhando algumas características. Outras informações sobre o galego moderno podem ser obtidas no Instituto de Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, organismo partidário de uma ortografia galega bastante influenciada pelo castelhano, ou em uma página sobre o reintegracionismo, movimento que defende a adoção de uma ortografia próxima do galego-português antigo e do português moderno.

Sabemos que entre as civilizações clássicas Grécia – Roma e até o período da modernidade, com a proliferação da leitura e da imprensa teve um período de certa diminuição do contato popular com a linguagem escrita e a instrução lingüística em geral. Por muitas vezes, preconceitualmente foi chamado de idade média, o período conhecido entre os séculos V e a meados do século XIV, é visto como inércia intelectual e lingüística, porem como explicar a perpetuação das origens lingüísticas latinas e gregas, já que essa inércia

[

causada por esse período não permitiria a perpetuação da língua e conseqüentemente o renascimento e suas mudanças que atravessariam a modernidade aos dias atuais.

O primeiro passo era quebrar com o preconceito sobre o período nomeado como idade média, não é uma época de transição? Época obscura também, na qual as luzes intelectuais se apagam mais ou menos entre dois períodos de civilização brilhante, em que a vida é mais ou menos mal assegurada, em que os progressos materiais quase não se fazem. Tais definições convêm ao período perturbado no qual se aboliu lentamente o tipo da sociedade antiga do século VI ao século IX, mas não aos posteriores. Com efeito, durante muito tempo os historiadores consideraram, sobretudo por ignorância, que tudo o que chamávamos de “Idade Média” na história da civilização ocidental estendia-se, como um período obscuro, entre a civilização antiga e a civilização moderna, cujo começo seria um pouco anterior à renascença. Esses pontos de vista estão agora retificados; sabe-se que a sociedade feudal merece em si mesma uma consideração especial, como um tipo singularmente bem organizado, em muitos aspectos, brilhante. Contudo, “os termos “idade média” e de “medieval” foram conservados pela maior parte dos autores para o período feudal.

Contraditoriamente, encarando a opinião que, a renascença como um sol repentinamente nascido no meio de trevas profundas, supõe uma sombra espessa que o tivesse antecedido, apaga o espaço intermediário e atribui a eclosão dos modernos à irrupção da antiguidade entre eles. Ela é contraditória pelos fatos mais positivos e continua apenas pela teoria da história. A teoria não admite que um brilho repentino possa surgir sem ser precedido de um crepúsculo; a teoria não admite que a cultura emane diretamente da barbárie; a teoria não admite que populações retardadas em um grau inferior se apropriem instantaneamente, e sem o trabalho de gerações sucessivas, do espírito de populações chegadas a um grau eminente; a teoria enfim não admite que uma era caracterizada por descobertas que supera

[

todo o labor da antiguidade, como a imprensa, a América, o sistema do mundo, seja filha de uma era mergulhada e obscura inércia.

Muitos problemas epistemológicos devido às condições da manutenção dessa língua escrita certamente interferiram na nossa padronização ortográfica com relação ao latim e grego, um exemplo disso eram os erros cometidos pelos copistas, que por diversas vezes, erravam as cópias que e ditavam aos outros copistas seu erro.

A perpetuação do conhecimento literário e lingüístico das civilizações clássicas em grande e em maior parte se deve a essa prática dos monges em sua grande maioria. Quando, no início da Renascença, os humanistas italianos se puseram à procura das obras literárias da antiguidade, os mais velhos manuscritos que encontraram eram, em geral, escritos em Carolina. Ao mesmo tempo em que se deleitavam com o texto, adotaram-lhe o tipo de letra, que se tornou o protótipo da escrita humanística. “Os caracteres de imprensa “romanos” e itálicos” são derivados da Carolina antiga, através dos humanistas.

Entre os séculos XIV e XVI, coma construção do império português de ultramar, a língua portuguesa faz-se presente em várias regiões da Ásia, África e América, sofrendo influências locais, presentes na língua, em termos como jangada, de origem malaia, e chá, de origem chinesa. Com o renascimento, aumenta o número de italianismos e palavras eruditas de derivação grega, tornando o português mais complexo e maleável.

O fim desse período de consolidação da língua ou de utilização do português arcaico é marcado pela publicação do Cancioneiro geral de Garcia de Resende, em 1516. No século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas que definem a morfologia AA sintaxe, a língua entra na sua fase moderna: em *Os Lusíadas*, de Luis de Camões (1572), o português já é, tanto na estrutura da frase quanto na morfologia, muito próximo do atual. A partir daí, a língua terá mudanças menores: na fase em que Portugal foi governado pelo trono espanhol

[

(1580-1640), o português incorpora palavras castelhanas como o bobo e granizo, e a influência francesa no século XVII, sentida principalmente por Portugal, faz o português de a metrópole afastar-se do falado nas colônias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim é muito importante destacarmos os traços característicos da língua portuguesa em relação ao latim, para evidenciarmos sua origem pelas marcas deixadas e essas mesmas marcas se tornam balizes para previsão de outras palavras e para melhorar a compreensão das estruturas que compõem uma palavra. Para tanto é necessário que compreendamos como era e é importante principalmente para nós, profissionais da área de letras, saberá que grupo pertencem as palavras pois assim poderemos saber como se deu, seu processo de formação ao longo do tempo e como este processo ocorrerá daqui em diante.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Ed. Lucerna. 1 ed. Rio de janeiro. 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Linguística e filologia: Gramática histórica**. Ed. Ao livro técnico. 7ª ed. Rio de janeiro. 2005.

TARALO, Fernando. Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1994.